

1492: O BIG BANG DA MODERNIDADE – O DIÁLOGO IMPOSSÍVEL –

Maria Angela Coelho Mirault

“Os milhões de sepulturas espalhadas pela Europa, resultados da tirania do nazismo; a dizimação dos povos indígenas das Américas e da Austrália, o rastro destrutivo do apartheid, esse crime contra a humanidade- todos esses são como pergunta que flutua ao vento e não pára de nos assombrar: por que deixamos que tudo isso acontecesse?”

(Nelson Mandela - Presidente da África do Sul - discurso proferido para as Duas Câmaras do Parlamento do Reino Unido, em sessão conjunta, em 11/7/96).

INTRODUÇÃO

Conduzidos a condição de povos periféricos, fomos levados a acreditar na história contada e registrada sob a perspectiva do vencedor-colonizador e, com isso, aprendemos a subsumir e glorificar *seus heróis*, cujos atos de heroísmo nos tornaram sujeitos de sua opressão e nos levaram a ser como somos hoje.

O jornalista uruguaio Eduardo GALEANO afirma em sua obra *“As Veias Abertas da América Latina”*¹ que a *“América Latina especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se abalancharam pelo mar e fincaram os dentes em sua garganta”*.

Segundo ele, mesmo após terem se passado séculos, continuamos aperfeiçoando-nos em nossas funções: *“É a América Latina, a região das veias abertas. Desde o descobrimento até nossos dias, tudo se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal tem-se acumulado e se acumula até hoje nos distantes centros de poder”*.

Com seu estilo contundente, logo nas primeiras páginas do seu livro-reportagem, o autor denuncia: *“São secretas as matanças da miséria na América Latina; em cada ano explodem, silenciosamente, sem qualquer estrépito, três bombas de Hiroxima sobre estes povos, que têm o costume de sofrer com os dentes cerrados.”*

Enrique Dussel é, como alguns de nós, descendente e “filho” de *Malinche* - mulher índia presenteada a Cortês. Como latino-americano, traz nas veias essa mistura ambígua do sangue do colonizador e do colonizado; do estuprador e da estuprada. É argentino, doutor em filosofia pela Universidade de Madrid, doutor em

¹ GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. 34. ed. São Paulo : Paz e Terra, 1992.

história pela Sorbone de Paris e se propõe a estabelecer uma Filosofia da Libertação para a América Latina, onde haveria a possibilidade de se assegurar um espaço comunicativo para a argumentação das divergências. O referido autor é, antes de tudo, um pensador que concebe uma história latino-americana, contada pela perspectiva do “Outro” e aponta o Mito da Modernidade como responsável pelo encobrimento das raízes e do passado comum de nossos povos. É sob o pensamento de Dussel² e ainda valendo-me de algumas contribuições retiradas das teses de Prigogine, que procurarei desenvolver o presente trabalho.

ISSO AQUI NÃO ERA UMA TERRA DE NINGUÉM, UM TERRITÓRIO VAZIO E SEM HISTÓRIA

Quando os “abençoados” filhos de Castela surgiram mágica e inexplicavelmente das águas oceânicas, recepcionados como deuses, pisaram nossas areias e “descobriram” nossas terras, isto aqui não era simplesmente uma terra de ninguém a ser invadida e ocupada. Muito menos um mundo absolutamente selvagem, sem cultura e sem história. Tínhamos um passado de culturas singulares espalhadas por todo o imenso território americano.

Todos os autores que se dedicam a arqueologia das culturas e da história assinalam que o berço da civilização origina-se de quatro áreas distintas: uma, do Egito e as três outras, da Ásia. Reconhecem ainda que, num passado muito remoto, em certos lugares propícios e em momentos adequados, surgiram, pelo menos, seis sistemas civilizatórios de confederações urbanas, identificadas por grandes

² DUSSEL, Enrique. *1492 - O Encobrimento do Outro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

civilizações, supondo que houvesse zonas de contato entre elas através do estreito de Bhering.

Os primeiros habitantes deste continente vieram da Ásia há cerca de 20 mil anos e quando Colombo, que se imaginava nas Índias, aqui desembarcou, esses habitantes com suas culturas e história espalhavam-se do extremo norte da atual América do Norte ao extremo sul da América do Sul.

Se não se pode mais admitir que o Continente Americano tenha sua história contada a partir do ano de 1492, pode-se contudo afirmar que a origem etnológica de sua população, hoje mestiça, é lhes dada pelos povos aqui encontrados e que receberam como fruto do equívoco de Colombo - já que havia imaginado ter chegado às Índias - a designação genérica de *índios*. **Especificamente, no que nos diz respeito**, nós, latino-americanos, descendentes mestiço e híbrido do confronto dessas culturas com o europeu, temos, em 1492, uma data da violação, um “pai” e uma “mãe”.

A INVASÃO DO “LEBENSWELT”

Quando os *modernos* aqui chegaram, vindos das águas do mar e recebido como deuses, encontraram um vasto mundo cultural que ocupava todo o continente, que já havia descoberto rios, montanhas, vales, pradarias, já lhes designara “nomes”, os quais já haviam incorporado ao seu “mundo vida” (Lebenswelt). “*Isto não era um ‘vazio’ incivilizado e bárbaro: era um mundo ‘pleno’ de humanização, história, sentido*”, segundo DUSSEL. Nossos ancestrais já haviam feito previsões e esperavam o raiar do Sexto Sol, assinalando com isso o momento de dor, de morte e o fim de um tempo. Se o Eu saqueador de nossas terras não fora aguardado com armas, já o era pelo imagi-

nário e pela resignação, já que “estava escrito” e teria de ser assim. Sequer trouxeram, os europeus, algo que não *soubéssemos*. Pela cosmovisão da cultura nativa, a invasão do Continente **assinalava o fim de um tempo e não o seu início. Momento de bifurcação na flecha do tempo, como diria PRIGOGINE. Naquele momento, neste território recém-descoberto** havia sim uma *flecha do tempo* preexistente, na qual “o processo civilizatório modernizante” significa apenas um marco divisor entre o “tudo” que existia e o “nada” que virá depois, já que a ação “encobridora e emancipatória” ainda estava por se fazer.

A COLONIZAÇÃO DO *OUTRO*

Com os espanhóis e posteriormente com os portugueses, foi imposta uma nova ordem: o ocultamento e a negação absoluta do *Lebenswelt* nativo e encontrado, a ponto de não sabermos, nem mesmo hoje, distinguir quem foram nossos legítimos heróis, nossos verdadeiros opressores e, principalmente, quem somos nós, os oprimidos. Com a explosão entrópica culminada pela invasão européia, perdemos, juntamente com o passado, nossas origens e também nosso destino. Subsumimos uma ascendência européia, repudiamos nossa origem latina: asteca, guarani, maia ou inca. Assumimos uma paternidade européia, renegamos nossa maternidade índia. Concebemo-nos, hoje, mais crioulos, filhos de Cortês com sua mulher espanhola, do que mestiços, filhos de Malinche, sua escrava, amante, índia violentada. Essa perspectiva que temos do Eu Conquistador-violentador vem afirmar-se na constatação de GALEANO³:

³ DUSSEL, p 58.

“Quatrocentos e vinte anos depois da Bula do Papa Paulo II, em setembro de 1957, a Corte Suprema de Justiça do Paraguai emitiu uma circular comunicando a todos os juízes do país que ‘os índios são tão seres humanos como os outros habitantes da república...’. E o Centro de Estudos Antropológicos da Universidade Católica de Assunção realizou posteriormente uma pesquisa de opinião pública na capital e no interior: de cada dez paraguaios, oito crêem que ‘os índios são como animais’ (...)”.

Todavia, quase todos os paraguaios têm sangue indígena, e o Paraguai não se cansa de compor canções, poemas e discursos em homenagem a “alma guarani” (GALEANO, 1976 : 53). Essa submissão a esse Eu violentador é ainda sustentada pelo mesmo autor, quando nos relata que:

*“Até a revolução de 1952, que devolveu aos índios bolivianos o esquecido direito `a dignidade, os **pongos** -índios dedicados aos serviços domésticos- comiam sobras da comida dos cachorros, com quem dormiam lado a lado, e se curvavam para dirigir a palavra a qualquer pessoa de pele branca”*.

As descendentes índias peruanas, que habitam os Andes, ainda se vestem com roupas “típicas” impostas pelo rei europeu. Não foi por outra razão que Simão Bolívar já havia sentenciado nosso futuro: *“Nunca seremos afortunados, nunca!”*.

OS INVASORES CUMPRIAM UMA MISSÃO

Fernando Cortês começou a conquista do México pela cidade de Tenchtitlan, capital do império asteca. Dussel⁴ resgatou este momento revelando que antes de chegar ao México, em Tabasco, os caciques maias oferecem-lhe luxuosos presentes, “*no final do mês de março de 1519*”. O espanhol recebeu, dentre as oferendas, “*vinte mulheres, entre elas uma muito excelente mulher, que se chamou dona Mariana*”- a *Malinche*, símbolo da mulher americana, índia, culta, conhecedora da língua maia e asteca, e que teve “*um filho do seu amo e senhor Cortês*”.

Sem considerar as controvérsias a respeito das intenções de Castela no longínquo século XV, quando Espanha e Portugal lançavam-se às conquistas das terras *descobertas* do Novo Mundo, vale ressaltar, agora pela visão “descoberta”, que aqueles aventureiros cumpriam, mais do que nunca -sem que disso tivessem qualquer indícios- as determinações de um tempo previsto pela cosmologia dos antigos e cultos povos que aqui habitavam. Enquanto que, para aqueles e sob a perspectiva emancipada do Mito da Modernidade, em 1492, teve início um novo tempo, para estes, 1492 significará o término de muitas eras; ou seja, “o fim do mundo” e o começo do tempo de resignação de muitos, antes anunciado pelos deuses.

De países antes considerados periféricos, ao invadirem o continente americano e ao descobrirem e dominarem o Outro, a Europa adquiriu sua condição eurocêntrica no mundo. Segundo Enrique DUSSEL, o ano de 1492 significa na História Ocidental, o nascimento da Modernidade e a origem do seu “Mito”, o mito da modernidade! Segundo ele, esse episódio não pode significar o encontro de culturas, porque o *Outro* -que somos nós- jamais foi considerado em sua diversidade, com peculiaridades e cosmovisões tão particularmente

⁴ DUSSEL, p. 51.

antagônicas do Eu descobridor. Dessa forma, aceitar a premissa de que fomos *descobertos*, e a partir daí aconteceu o encontro de raças e culturas, é aceitar a manutenção da construção de um mito, denuncia ele. O que teve início naquele longínquo 1492 foi um “choque” genocida e absolutamente destruidor do *mundo indígena*. A par das atrocidades cometidas nas batalhas de conquista territorial, GALEANO (1976 : 53) registrou que:

“As bactérias e os vírus foram os aliados mais eficazes. Os europeus traziam consigo, como pragas bíblicas, a varíola e o tétano, várias doenças pulmonares, intestinais e venéreas, o tracoma, o tifo, a lepra, a febre amarela, as cáries que apodreciam as bocas. (...) Os índios morriam como moscas; seus organismos não opunham defesas contra doenças novas. E os que sobreviviam ficavam debilitados e inúteis. O antropólogo Darcy Ribeiro calcula que mais da metade da população aborígene da América, Austrália e ilhas oceânicas morreu logo no primeiro contato com os homens brancos”.

Do choque e da violência do confronto com a cultura Renascentista nasceu uma nova cultura híbrida e sincrética, cujo resultado fará surgir o sujeito de uma certa raça mestiça, resultado de uma dominação absolutamente genocida, do “eu” europeu sobre o “mundo do Outro” -do índio- imposta e mais tarde encoberta pelo Mundo Moderno com todas as suas concepções político-econômica e filosófica.

Desde esse momento, estabeleceu-se, então, uma relação desigual, de negação da Alteridade, exclusão e aniquilamento de um povo e a conseqüente afirmação de uma superioridade fundamentada em cosmovisão distinta e com base na *teologia católica-cristã*.

O *mundo-vida* preexistente não fora aceito como fato, fora não apenas desconsiderado como totalmente desprezado, pela

racionalidade-cristã-renascentista sobre as religiões, crenças e mitos dos povos ameríndios, elementos constitutivos basilares de toda uma cultura milenar em plena punjança naquele momento.

1492: A SINGULARIDADE DO “BIG BANG”

Recentes investigações atribuem ao México pré-colombiano uma população oscilante entre 30 e 37,5 milhões de habitantes. Desse modo, quando os espanhóis pisaram pela primeira vez nas praias das Bahamas, punham seus pés num continente habitado e constituído por diversas civilizações.

Para que se possa acompanhar, e talvez ilustrar, as concepções de Dussel, cabe elaborar uma tentativa de aproximação analógica com a concepção que Prigogine estabelece sobre o nascimento do tempo e as teorias entrópicas da física moderna. PRIGOGINE⁵ propõe que o tempo absoluto precede a existência e que os fenômenos entrópicos podem significar um acontecimento na flecha do tempo e assinalar tanto o fim de um momento quanto o início de outro, ou seja, uma auto-organização do próprio momento do caos. Para ele, esse momento de choque - e aqui analogicamente propomos entre o descobrimento da América em relação ao Big Bang da criação do universo- entre um passado seguido de um presente pode assinalar o instante de uma bifurcação na flecha preexistente do tempo. Isso pode nos fazer supor que 1492 pode ter assinalado o surgimento de inúmeras outras possibilidades de novos e sucessivos acontecimentos. Pode ser também que, sob essa hipótese, a presença aliciadora da cultura européia e nossa submissão, assinale a opção que fizemos

⁵ PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas*. São Paulo : Unesp, 1996.

ao seguir um “caminho de bifurcações sucessivas”, que, por sua vez, ao gerarem outras bifurcações e escolhas foram nos conduzindo ao que somos hoje.

Prigogine particulariza e relativiza ainda uma analogia com sua teoria entre o acontecimento na flecha do tempo universal com relação a nossa própria vida. Cito PRIGOGINE e sua teoria “para ressaltar que nada do que aqui se realizou em nome do mito da Modernidade pode ter uma justificativa emancipadora, histórica ou mesmo ontológica.

O Eu Modernizante apresentara-se aos “incultos” e “incivilizados” habitantes do Novo Mundo muito mais bárbaros do que eles. Com suas caravelas, armas e soldados, considerando-se afortunados por uma tecnologia e uma cultura superior, pretensamente culta e cristã, vinham e atuavam em nome de Cristo, abençoados pelos reis católicos e pelo sumo pontífice, para trazer a civilização e a razão expressa em atrocidades.

O que os europeus não sabiam, no entanto, é que, pelo imaginário trágico dos povos ameríndios, cumpriam eles, além de *sua missão*, um *destino* antes pressentido da chegada de um *novo mundo*, já por eles esperado e revelado por seus deuses.

A RAZÃO EMANCIPADORA DO EU-EUROPEU

Para o mito da Modernidade, 1492 deu início à história de uma América Nova, descoberta, virgem, disponível, rica, pronta para ser saqueada e... evangelizada. Para a Modernidade, todo o esplendor histórico da cultura indígena não merecerá qualquer leitura cultural ou terá qualquer significado histórico. Afinal, para o Espírito Emancipador, os fins sempre justificarão os meios. O holocausto indígena

vai ter justificativa na Ilustração modernizante: “*a colonização do Lebenswelt do índio, do escravo africano pouco depois, foi o primeiro processo europeu de modernização, de civilização, de subsumir (ou alienar) o Outro como a si -mesmo. (...) O mundo da vida cotidiana conquistadora - europeia ‘colonizará’ o mundo da vida do índio, da índia, da América*”, afirmou DUSSEL (50-1).

O mito da Modernidade tem como característica básica a sutileza de vitimar o inocente, inculcando-lhe a culpa por sua própria vitimação. Atribui ao “sujeito moderno” plena inocência pelos atos bestiais que pratica, em nome da modernização, razão e justificação argumentativa. Um mero custo necessário; a consecução dos objetivos por uma *causa justa*: o progresso dos incivilizados em nome de uma evangelização cristã e, logicamente, a causa do capital. Através de argumentos emancipatórios, depois permite ao próprio bárbaro que supere sua “imaturidade”. Admitida a superioridade da cultura europeia, o fato de conduzirem as *outras culturas* à emancipação do barbarismo, constituir-se-á num bem-estar para as próprias culturas que, emancipadas, tornar-se-ão as mais diretas beneficiadas pela *salvação*, mesmo que esse fim seja alcançado pelo sacrifício extremo. O holocausto e encobrimento cultural serão as moedas com que esses povos pagarão pela emancipação de uma imaturidade culpável.

A sangria do Novo Mundo convertia-se num ato de caridade ou uma razão de fé. Junto com a culpa nascia, segundo DUSSEL⁶, um sistema de álibis para as consciências culpáveis. O vice-rei do México, por exemplo, considerava que não havia melhor remédio que o trabalho nas minas para se curar “a maldade natural” dos indígenas. O referido autor registra em sua obra que, Juan Ginés de Sepúlveda, o humanista, sustentava que os índios mereciam o trato que recebiam porque seus pecados e idolatrias constituíam uma ofensa a Deus. O conde de Buffon afirmava que não se registravam, nos índios, animais frígidos e débeis, “*nenhuma atividade da alma*”. O abade

⁶ DUSSEL, p. 52.

De Paw inventava uma América que os índios degenerados eram como cachorros que não sabiam latir, vacas incomestíveis e camelos impotentes. A América de Voltaire, habitada por índios preguiçosos e estúpidos, tinha porcos com umbigos nas costas e leões carecas e covardes. Bacon, De Maistre, Montesquieu, Hume e Bodin negaram-se a reconhecer como semelhantes os “homens degradados” no Novo Mundo. Hegel falou da impotência física e espiritual da América e disse que “*os índios tinham perecido ao sopro da Europa*”. No século XVII, o padre Gregório Garcia sustentava que os índios eram de ascendência judaica, porque, como judeus, “*são preguiçosos, não crêem nos milagres de Jesus Cristo e não são gratos aos espanhóis por todo o bem que lhes fizeram*”. O padre Bartolomeu de Las Casas dedicou sua fervorosa vida à defesa do índio. Dizia que os índios “*preferiam ir ao inferno para não se encontrarem com os cristãos*”, registrou ainda DUSSEL (53).

O DIÁLOGO IMPOSSÍVEL

DUSSEL apontou que para que os arautos da Modernidade pudessem compreender o mundo vida dos “incivilizados”, antes teriam que dominar e conhecer todo o código lingüístico e cultural daqueles “selvagens”. Para com eles participar de uma ação comunicativa de fato e com eles dialogar, precisaria conhecer o seu mundo, sua cultura, seus mitos, seus deuses, suas crenças, sua organização social, precisariam colocar-se no lugar do Outro, antes de se lançarem a tarefa de encobri-lo, compelindo-o a subsumirem uma cultura que lhes era totalmente alheia ao seu mundo-vida.

A COSMOVISÃO DE MONTEZUMA: UMA ALIADA INVEN- CÍVEL DE CORTÊS

Alguns autores registram que a capital asteca Tenochtitlán tinha mais de 300 mil habitantes, outros afirmaram que contava com apenas 100 mil. O que importa é que, quando desembarcou na cidade:

“Fernão Cortês era acompanhado por não mais de 100 marinheiros e 508 soldados; trazia 16 cavalos, 32 bestas, 10 canhões de bronze e alguns arcabuzes, mosqueteiros e pistolas. Apesar do contraste numérico das forças em oposição, bastou-lhe isto para conquistar o povo mexicano. E entretanto a capital dos astecas era cinco vezes maior do que Madri e tinha o dobro da população de Sevilha, a maior das cidades espanholas” (GALEANO, 1976 : 28).

Mas, como foi possível, então, a Montezuma ter-se deixado enganar pela figura e a força de Fernando Cortês? Ao discorrer sobre as possibilidades que fizeram com que o imperador asteca e todos os seus guerreiros e deuses tivessem se enganado, sendo vencido pelo invasor espanhol, DUSSEL considerou ser primeiramente necessário observar que Moctezuma era um *“tlatimini”*, que fora educado como todos os outros tlatimini no Calmécac, uma escola de sábios. O fruto desse ensino era conhecer **“a sabedoria já sabida”**, para com ela poder articular uma **“palavra adequada”**. Com uma disciplina retórica (como na Academia ou no Liceu), articulada na obra maior do Calmécac: a *“flor do canto”*. *“(...) aquele era o ‘lugar’ por excelência da comunicação do ‘terrestre’ com o divino, (...)”* (DUSSEL, p. 121).

DUSSEL propôs no seu relato que entre os astecas havia uma tensão a qual prefere chamar de **“mito sacrificial”**, que vai depois proporcionar a *submissão* ao Mito da Modernidade, pela *aceitação*.

Para o referido autor, compreender a função que tal tensão vai ocasionar em Moctezuma, constitui-se como ponto fundamental para que se possa entender e até mesmo tentar explicar as exaltações do imperador frente a Cortês - que, na verdade demonstrou ter agido mais como um *tlamatini*, ou seja, um sábio, do que como um militar quando da inexplicável e aparente amigável chegada de Cortês.

Os astecas cultuavam quatro deuses. O preferido deles era *Hutzipochtli*, deus da guerra e do sol, que lhes exigia sacrifícios humanos diários para que o Sol pudesse nascer todas as manhãs. Eram ainda antropófagos e muitas vezes se alimentavam das entranhas dos humanos sacrificados. Outros dos seus deuses eram *Tloloc* - da chuva, *Tezcatlipoca* - do vento e *Quetzalcóalt* - do conhecimento e do sacerdócio. Para a crença dos astecas, este último atravessara o mar-impossível de ser navegado a não ser por um deus- e um dia voltaria.

Os astecas, assim como os filósofos tlamatinis, acreditavam na determinação do futuro na “velha regra da vida”. Tinham um conhecimento exato da mediação do tempo sagrado. Cada dia tinha uma divindade, cada semana, cada mês. E era preciso lhes prestar culto (canto, ritos, sacrifícios), para fazer-lhes felizes e acalmar seus possíveis malefícios. Daí, a justificativa de suas festas e celebrações religiosas. Tinham uma consciência trágica e determinista da vida e dos acontecimentos. Para sua crença, já haviam se passado cinco épocas, cada qual dominada por um dos quatro filhos gerados pelo deus-deusa, ou “divina dualidade”, dispostos nos quatro cantos cardeais. A idade agora era a do deus guerreiro dos astecas, na “era do sol em movimento”.

Cortês (símbolo e mão da invasão espanhola) vinha do infinito e das profundezas das águas do Atlântico. Não podendo os astecas, através do *seu mundo vida*, estabelecerem qualquer explicação para o fato: “*Acharam que o invasor era Nosso Senhor Quetzalcóalt que chegara*”. E se assim fora, Moctezuma não teria qualquer alternativa senão submeter-se ao que já estava predeterminado. Foi sob o **equívoco de Montezuma** que Cortês logrou seu primeiro êxito e assim

foi recebido pelos astecas como seu próprio deus prometido. É sob essa perspectiva que o espanhol foi recebido pelo imperador:

“Senhor nosso, ficaste fatigado, ficaste cansado; já a esta terra chegaste. Chegaste a tua cidade: México. Aqui vieste te sentar em teu sólio, em teu trono. (...) Não, não estou sonhando (...). Há cinco, há dez dias eu estava angustiado: tinha o olhar fixo na região dos mortos. E tu vieste entre nuvens, entre névoas. Foi isto que nos tinham deixado os reis, os que regeram, os que governaram tua cidade: que havias de te instalar em teu assento, em teu setial... Vem e descansa; tom posse de tuas casas reais; dá refrigério a teu corpo.”

Dussel assegurou que a dedução de Moctezuma era perfeitamente normal se fosse levado em consideração o “mundo” de Moctezuma “e não for projetado sobre ele a perspectiva eurocêntrica”. O imperador era culto do que de mais significativa sua civilização lhe disponibilizava. Era muito mais do que um guerreiro, “era um tlamatini de austera educação moral na melhor tradição dos sábios toltecas”.

Para os **astecas**, “tudo era regulado com antecedência desde a eternidade”, para eles, tudo era “necessário”, sem possibilidades de mudanças imprevisíveis ou acidentais, além do que, ainda concebiam não ser possível se passar lenta e progressivamente de uma para outra época. Essa passagem só poderia ser realizada abruptamente e de forma radical: “uma revolução instantânea e radical do universo” (Dussel, p. 145). O Big Bang ocasionado pela chegada dos espanhóis significou, para os maias, o fim de uma época (também) esperada em que “*havia paz, prosperidade...*”. Da mesma forma entre os **incas**, tão logo os invasores chegaram correu o boato de que o “**tempo dos incas terminara**”.

Imaginemos, agora, a surpresa dos recém-chegados ao se perceberem mercedores de tantas honras, para eles também inexpli-

cáveis, já que não tendo o conhecimento da cosmovisão daquele povo não tinham também a dimensão do significado de tal oferta. Não havia, portanto, qualquer possibilidade de entendimento nem argumentações compreensíveis. Taticamente, porém, se “entenderam”.

Aos poucos, no contato cotidiano, Moctezuma começou a descobrir quem era esse Outro que lhe invadia os domínios. Através da eliminação das hipóteses que lhe orientavam as ações, Moctezuma chegou racionalmente à sua primeira conclusão: Cortês não é o príncipe Quetzalcóatl esperado pelos presságios anteriores. Mas, se não era o deus esperado, poderia agir em nome do deus e isso significaria “o fim do Quinto sol”, que era o perigo supremo. A última das hipóteses -a de que fosse simplesmente um invasor humano- tranqüilizava um pouco mais Moctezuma e, por isso, suportava humilhações, na certeza de que “*se fossem humanos, apenas sua vida corria perigo, em último caso, mas seria só o seu fim como monarca e sua cidade de México nada sofreria*” (DUSSEL, p. 128).

A conclusão de que Cortês e seus acompanhantes eram simples humanos só foi percebida por Montezuma com a vinda de outros iguais a Cortês, acompanhados de numerosos e novos soldados. Cortês, que nada entendera do “mundo argumentativo” do outro, do mundo sumamente desenvolvido de Moctezuma, procurou dele servir-se. Toda a visão de mundo dos tlamatini estava destruída, concluiu DUSSEL. A par da resistência do povo asteca, finalmente foram derrotados por Cortês, que passa para a história que subsumimos, como um dos heróis conquistadores dos povos bárbaros e incultos aqui “encontrados”.

A Modernidade, a Racionalidade enfim se fizera presente. Emancipara o oprimido e selvagem povo asteca de permanecer vítima dos seus próprios deuses sanguinários, substituindo-os, contudo, por um outro. “*Um novo deus (o capital) inaugura um novo ‘mito sacrificial’, o ‘mito’ de Tlacaélel deixa lugar ao ‘mito’ não menos sacrificial da ‘mão de Deus’ providente que regula harmoniosamente o mercado de Adam Smith (...)*”, concluiu DUSSEL.

Realiza-se, contudo, o prognosticado e o surgimento do Sexto Sol, que para aquele povo significaria o fim de uma era e início de um outro mundo. Para Prigogine, um acontecimento entrópico na flecha do tempo, um momento de bifurcação para novas possibilidades.

A emancipação é sempre contada pelos vencedores. Os subsumidos não escrevem suas conquistas, pouco a pouco estas são apagadas pelas “verdades” dos vitoriosos. Mas, ainda assim, embora presos às suas crenças, houve resistências. E só depois de verem-se completamente aniquilados, cada povo interpretou seu significado dentro de sua visão de mundo: assim, no império asteca, todos chegaram à trágica conclusão premonitória que sentiram e lhes havia surgido como possibilidade tão logo desembarcaram os estrangeiros em Tenochitlán. Parecia que, ao contrário de seu imperador, os astecas já haviam interpretado essa chegada como sinalização do fim do mundo. Os europeus também partiam de premissas. Vinham investidos de um dever de conquista, ocupação e imbuídos da “necessidade” de converterem aqueles selvagens às crenças cristãs, custasse o que custasse.

O ESPAÇO PARA O DIÁLOGO PARTIA DE PREMISSAS FALSAS

A cosmovisão européia tinha também suas peculiaridades. Embora não conhecessem a língua nativa e se comunicassem em castelhano, serviam-se de sua própria língua como instrumento para uma comunicação impossível de se realizar. Antes de se imporem, liam, aos admirados habitantes, as argumentações pelas quais agiam e em nome de quem estavam ali. E dessa forma argumentavam:

“A vós rogo e requeiro que entendais bem isto que vos disse, e para entendê-lo e deliberar sobre isso tomais

todo o tempo que for justo, reconheçais a Igreja como senhora e superiora do Universo Mundo, e o Sumo Pontífice chamado Papa e em seu nome, e a sua Majestade em seu lugar, como superior e senhor e rei das ilhas e terra firme... se não o fizerdes, ou nisso dilação maliciosa puserdes, certificai-vos que com a ajuda de Deus irei poderosamente contra vós e vos farei guerra por todas as partes e maneiras que puder... tomarei vossas mulheres e filhos e os farei escravos, e como tais os venderei, e tomarei vossos bens e vos farei todos os males e danos que puder”.

Esse era o teor do “requerimento”, lido antes de se iniciar alguma batalha contra eles.

Obviamente não poderiam compreender tal “argumentação”. Toda sua cosmovisão, seus deuses, seus heróis, seu mundo imaginário eram interpretados como demoníacos e, como tal, deviam ser abandonados, enquanto a cosmovisão européia era apresentada como divina e única, a ser aprendida pela catequese. É fácil compreender que, enquanto para Hegel a história da Europa é a “*origem e fim da História*”, para os ameríndios, a presença modernizadora da Europa em suas terras era nada mais do que o “*fim de um mundo*” que não acaba no seu fim, mas continua num outro e de um outro modo, desconhecido, mas aceito com resignação.

A TENTATIVA DE ENTENDIMENTO COM A ALTERIDADE

O “senso comum” europeu é tomado como parâmetro e critério de racionalidade ou humanidade, sendo os povos vencidos considerados inumanos, bárbaros, ignorantes, “*pouco diferentes dos animais*”, por isso, “*convém ensinar a aprender a ser homens e instruí-los como crianças... É preciso contê-los com a força... e mesmo contra sua vontade, de certo modo, forçá-los para que entrem no Reino dos céus*” (DUSSEL, p. 63). O autor registra um único momento de tentativa de argumentação entre o Outro e o “mesmo”. Quando da chegada de doze franciscanos ao México em 1524. Eles deram, segundo Dussel, início imediato à “conquista espiritual” em seu sentido forte. E, assim, pregou-se a um povo arrasado e convencido por sua própria cultura religiosa da necessidade de aceitação do devir, uma nova e inquestionável “doutrina cristã”.

O manuscrito dos *Colloquios y Doctrina* foi um diálogo histórico (p.146):

“pela primeira e última vez os poucos tlamatinimes que restavam vivos, puderam argumentar com tempo e respeito diante dos espanhóis cultos, diante dos doze missionários franciscanos recém-chegados. Era um diálogo entre ‘a razão do Outro’ e o ‘discurso da Modernidade’ nascente. Não havia simetria, não era uma ‘comunidade de argumentação’ em situação ideal. (...) Foi na realidade um diálogo em que os índios eram como mudos e os espanhóis como surdos”.

Divida em seis partes, argumentam com sua lógica: primeiro, a saudação é feita na condição de “*gente ignorante*” frente aos “*muito estimados senhores*”. Após a argumentação, para que se tornem cristãos, contra-argumentam que os deixem morrer já que seus deuses estão mortos e eles não passam de “*gente vulgar, precedou-*

ros, mortais". Na terceira parte, prometem "*abrir um pouco agora, o segredo, a arca do Senhor, nosso Deus*". Eles, então, passaram a falar de sua cosmovisão, de sua crença e de seus deuses aos espanhóis franciscanos: "*Vós dissestes que nossos deuses não eram verdadeiros. Nossa resposta é esta: estamos perturbados, estamos sentidos porque nos falais, porque nossos progenitores (...) não costumavam falar assim*". Falam das coisas em que foram educados por seus antepassados. Depois afirmam que não podem por suas crenças anteriores ainda acreditar nas verdades que tentam fazer com que eles troquem todo o conhecimento do seu povo -as verdades cristãs. Finalmente, colocam-se submissos aos que venceram, resignados, determinados como diziam suas crenças. A tentativa a que se refere se dá em função de que a argumentação e o diálogo era construído e deveria ser "compreendido", através de um intérprete, na língua castelhana, que jamais poderia exprimir todo o código cultural e lingüístico dos dominados e subjugados. O único discurso argumentativo entre duas comunidades desiguais fora prontamente interrompido. "*Nunca foi levado a sério!*" (DUSSEL, p.150).

CONCLUSÃO

"A esperança de renascimento da dignidade perdida incendiaria numerosas sublevações indígenas. Em 1781, Túpac Amaru sitiou Cuzco. (...) Este cacique mestiço, descendente direto dos imperadores, encabeçou o movimento messiânico e revolucionário de maior envergadura".

Muitos foram os verdadeiros heróis da nossa história que tentaram contra-argumentar em vão. Túpac Amaru foi um daqueles que tentaram a resistência. Quando de seu assassinato, em 1781, em seu bolso foi encontrado o seguinte: "*Pelos clamores que com generali-*

dade chegaram ao Céu, no nome de Deus todo-poderoso, ordenamos e mandamos que nenhuma das pessoas pague nem obedeça em coisa alguma os ministros europeus intrusos”.

Nunca houve um diálogo perfeitamente compreensível. Não havia ninguém que pudesse conhecer as duas culturas em tal nível que realmente exprimisse nelas o que cada um estava falando na verdade.

Talvez seja a isso que GALEANO se referiu quando nos afirmou que somos um povo que nos acostumamos a perder, enquanto o outro acostumou-se a ganhar. Sob a ótica da Emancipação que nos foi imposta, estaremos todos fadados a cumprir nosso destino de submissão, imposto pela Razão eurocêntrica e encobridora do Outro, que somos nós, acrescida da cosmovisão trágica do passado. É por isso que DUSSEL afirmou que: *“O mestiço viverá em seu corpo e sangue a contraditória figura da Modernidade (...) pretenderá ser ‘moderno’ como seu pai Cortês (...) mas fracassará sempre ao não recuperar a herança de sua ‘mãe’ Malinche. Sua condição de mestiço exige a afirmação de dupla origem -ameríndia, periférica e colonial: a vítima, a outra face”* da Modernidade; e moderno pelo “ego” que se “assenhoreia” na terra de seu pai Cortês. O espaço comunicativo continua sendo negado a esse continente, não mais pela Europa que há muito deixou seu lugar de Colonizador, mas a determinação de continuar subsumido continua sendo uma característica desse povo que acostumou-se a perder, como afirma GALEANO. Ainda continuamos mantendo “As Veias Abertas da América Latina”, subsumidos pelo Outro Emancipatório, não mais do ideal cristão, mas do ideário capitalista. Nossos deuses continuam subsumidos e encobertos, nossas crenças violadas e nossa cultura ridicularizada, pelos novos colonizadores, sob as ordens de um mesmo deus - o deus do Capital e da conseqüente globalização.

“O racismo é uma chaga que desfigura a consciência humana. A idéia de que qualquer povo possa ser inferior a qualquer outro, até o ponto que aqueles que se consideram superiores e tratam os outros como subumanos, nega a humanidade até mesmo daqueles que se atribuem o status de deuses”.

Nelson Mandela - Presidente da África do Sul - Discurso proferido para as Duas Câmaras do Parlamento do Reino Unido, em sessão conjunta, em 11/7/96.

BIBLIOGRAFIA AUXILIAR

DUSSEL, Enrique. *1492 - O encobrimento do outro* (a origem do mito da modernidade). Rio de Janeiro : Vozes, 1992.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 34. ed. São Paulo : Paz e Terra, 1992.

PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas*. São Paulo : Unesp, 1996.